

História Cultural



VII Simpósio Nacional de História Cultural HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

A ENFERMAGEM NO HOSPITAL DO JUQUERY NA GESTÃO PACHECO E SILVA (1923-1937)

Cláudia Polubriaginof*
Paulo Fernando de Souza Campos**

O presente trabalho aborda os cuidados de enfermagem no Hospital Psiquiátrico do Juquery durante a gestão de Antônio Carlos Pacheco e Silva (1923-1937). Para tanto, o estudo propõe os seguintes questionamentos: de que maneira as propostas de Pacheco e Silva orientavam os cuidados de enfermagem e as relações entre médicos, enfermeiros e pacientes? Como se davam as práticas de enfermagem durante a gestão “científica” do hospital modelo no Brasil? O estudo teve como objetivo analisar as ações de enfermagem considerando as propostas de Pacheco e Silva no que concerne às práticas que orientavam a enfermagem psiquiátrica como descritos no manual “Cuidados aos Psychopathas” utilizado como documento principal para a análise proposta por esta pesquisa, pautada no método documental realizada a partir da consulta do acervo pessoal de Pacheco e Silva

* Mestranda do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas “Sociedade, Cultura, Linguagens” e Professora do Curso de Enfermagem da Universidade de Santo Amaro – UNISA, São Paulo. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Ciência, Saúde, Gênero e Sentimento – CISGES/UNISA/CNPq. e-mail: cpolubriaginof@uol.com.br

** Doutor em História - UNESP, Assis com pesquisa de Pós-Doutorado pela EE/USP/FAPESP. Professor Pesquisador do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas “Sociedade, Cultura, Linguagens” e do Curso de História, da Universidade de Santo Amaro – UNISA, São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa Ciência, Saúde, Gênero e Sentimento – CISGES/UNISA/CNPq. e-mail: pfsouzacampos@hotmail.com

depositado no Museu Histórico da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – FMUSP.

A escolha das práticas de enfermagem como objeto de pesquisa deve-se à importância que elas assumiram no processo de constituição e consolidação do modelo assistencial asilar e higienista. Assim, estudar a inserção da psiquiatria no cenário sócio-político brasileiro à época, de sua importância no contexto histórico, implica retomar o processo que culminou no desenvolvimento da psiquiatria e da enfermagem psiquiátrica no Brasil. Com a Proclamação da República em 1889 e o republicanismo, ocorre uma reorganização da sociedade, que deveria ser representada no novo regime pelas noções de ordem e progresso, fundados na (re)urbanização. A modernidade da vida urbana determinou práticas sociais e instaurou um novo cotidiano, alterando a vida dos homens e mulheres no sentido de melhorar o conjunto da sociedade brasileira, modernizá-la. A redefinição de papéis sociais se dá a partir da percepção negativa acerca da composição étnico/racial do brasileiro, considerado empecilho na construção da identidade nacional, imaginada branca e europeizada. A construção desta nova identidade constituída a partir da percepção da diferença, definida pelo comparativo superioridade e inferioridade, desconsiderava o brasileiro comum.

A República demarca a primeira experiência efetiva de medicalização da loucura sob a administração direta do Estado como permite considerar a criação de órgãos públicos e uma política levada a cabo pela medicina estatal, pela associação entre o saber médico e a administração pública. Em 1902 Juliano Moreira¹ desenvolveu um balanço sobre a situação da assistência aos alienados no país, no qual afirma o aumento dos índices de loucura por uma estreita relação com o crescimento das cidades e simultâneo aumento das dificuldades de sobrevivência em área urbana. Este estudo embasou uma legislação² de abrangência nacional sobre a loucura. Desta forma, o alienado é finalmente incorporado pelo Estado, para o qual o asilo serviu, abrigando uma população marginalizada, considerada como um dos motivos do atraso social, deste modo,

¹ Juliano Moreira. Alienista brasileiro (1873-1933). Formou-se médico aos 19 anos. Aos 23 anos foi aprovado em concurso para professor da Faculdade de Medicina da Bahia. Foi o primeiro alienista brasileiro a receber reconhecimento internacional. Em 1904, foi nomeado para a direção do Hospício Nacional de Alienados (ENGEL, 2001).

² Decreto n. 1132, de 22/12/1903, que reorganiza a assistência a alienados (CUNHA, 1986).

eliminando o convívio entre pessoas diferenciadas por sua conduta social, moral, física, biológica e hereditária (CUNHA, 1986).

Comportamentos pessoais e sociais foram duramente demarcados. Os que se afastavam das normas, da moral e disciplina eram enquadrados sob o viés da loucura e do crime cientificamente associados pelo alienismo como fator determinante para a marginalização e interdição dos indivíduos. Teorias oriundas do determinismo científico como a teoria da degenerescência, o organicismo positivista, da criminalidade nata, da deformação congênita e hereditária herdaram elementos básicos do alienismo clássico, que tem como foco principal o componente moral, aspecto avaliado tecnicamente pelo discurso médico, mas que na prática se mostra uma tática capaz de “[...] moldar as camadas inferiores a sua imagem e semelhança, assumindo uma espécie de missão civilizadora e a tarefa auto atribuída de ordenar o caos urbano.” (CUNHA, 1986, p. 49).

Como permite considerar Michel Foucault (1982), o biopoder, que emerge do processo associativo do discurso médico com a administração pública, impacta no conhecimento especialista como forma de consolidação de políticas públicas, neste caso, colaboraram pontualmente na instauração da República e suas instituições de ordem e progresso social. O pensamento da elite política e dominante à época corroborou para a formação da opinião pública e nichos como Direito e Medicina, os quais forneceram protocolos e diretrizes assumidas como estratégias de controle social, transformando hábitos e ditando regras à vida pública e privada das populações. Tais diretrizes advinham de uma biologia evolutiva, sobretudo, a partir das representações da degenerescência. Desta forma se dá o uso político do saber psiquiátrico, um conjunto de saberes e práticas organizadas pela e para a ordem burguesa que se instituiu (CUNHA, 1986; CAMPOS, 2013).

No Brasil, a psiquiatria tem uma origem oficial no ano de 1841 por determinação de D. Pedro II, que criou um hospício que levaria seu nome. Destinado ao tratamento de alienados no Rio de Janeiro, inaugurado em 1852, a fundação do Hospital Psiquiátrico D. Pedro II marca as origens da psiquiatria no Brasil e seu lugar nas especialidades médicas (ESPÍRITO SANTO, 2007). Em São Paulo, na passagem entre os séculos XIX e XX, o cuidado e a custódia do louco eram realizados pelo cuidador leigo, algo significativamente alterado a partir das ações de Francisco Franco da Rocha³ e da

³ Francisco Franco da Rocha (1864-1933). Alienista brasileiro. Nascido em Amparo-SP, proveniente da classe média letrada, em 1890 formou-se na Faculdade Nacional de Medicina no Rio de Janeiro.

experiência vivida nos asilos de pequeno porte⁴ da capital, que anteciparam a construção do maior asilo da América Latina.

Franco da Rocha projetou um hospício como um espaço exclusivamente médico, de função assistencial e terapêutica, considerando a linguagem e autoridade médica sob juízo apenas dos especialistas. Suas propostas justificavam o internamento de caráter eminentemente civilizatório via asilamento racional, sempre sob a orientação médica. Em 1896, instaura na Colônia Agrícola de Sorocaba um pequeno modelo do que viria a ser aplicado no Hospital de Juquery. Em São Paulo, se iniciava uma nova etapa da competência médica diante da loucura (CUNHA, 1986).

A criação do Hospício do Juquery se efetiva através da contribuição de dirigentes políticos. O asilo foi construído fora dos limites da capital paulista, com o intuito de evitar a acumulação de doentes em uma única casa, como acontecia nos asilos de São Paulo e no interior do estado. Franco da Rocha adotou um modelo misto de hospício e colônia para a instituição. O Hospital do Juquery foi fundado em 1898, constituído para fins manicomial a cargo de Francisco Franco da Rocha, médico alienista destaque no cenário paulistano, que contou com o renomado engenheiro Ramos de Azevedo na elaboração de seu projeto arquitetônico. Pioneiro no Brasil foi concebido dentro dos princípios higienistas, vale dizer, sob a ótica moral, social e cultural (OLIVEIRA, 2011).

Pacheco e Silva foi o segundo diretor da instituição, nasceu em São Paulo em 1898, ano em que foi inaugurado o Hospital do Juquery sob a direção de Franco da Rocha, idealizador e figura principal do alienismo paulista do final do século XIX e das primeiras duas décadas do século XX. Ao optar pela formação médica, realizada na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1920, Pacheco e Silva teve a sua trajetória paralela à do Juquery, que naquele momento era um manicômio reconhecido internacionalmente e considerado um modelo de assistência e de eficácia terapêutica na sua especialidade (TARELOW, 2012).

Idealizador e figura principal do alienismo paulista do final do século XIX e das primeiras duas décadas do século XX. Foi influenciado pela Teoria da Degenerescência e pelo Positivismo. Trabalhou com Teixeira Brandão (primeiro alienista brasileiro). Em 1898 funda o Hospício do Juquery, tornando-se seu primeiro diretor (TARELOW, 2012).

⁴ Como o Asilo Provisório de Alienados da Cidade de São Paulo, localizado na Avenida São João, a primeira instituição psiquiátrica do país. Inaugurado em 14 de maio de 1852 - 9 meses antes do Hospício D. Pedro II no Rio de Janeiro; a instituição era dirigida por um leigo – o alferes Tomé de Alvarenga - e contava com funcionários que tinham como função principal a vigilância, mas eram os agentes de cuidado destes enfermos (CUNHA, 1986).

Com a cidade do Rio de Janeiro como capital da República, os equipamentos institucionais necessários às políticas públicas implementadas atingem sua primazia, em específico, nesse espaço social. Não por acaso, a constituição de espaços asilares e as decorrências exigidas pelo cuidar/cuidado evidenciam o Rio de Janeiro e são consideradas como intuito de implementar um projeto de transformação dos hospícios em espaços terapêuticos, de cura. Nesse processo, acirraram-se os conflitos entre alienistas, agentes de enfermagem e responsáveis pela administração, ambos os grupos comumente ligados a organizações religiosas, que até então detinham o poder sobre a vida dos internos e comandavam a rotina hospitalar como ocorria no Hospício Nacional de Alienados. Tais confrontos, tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro, culminaram na centralização do poder técnico e administrativo nas mãos dos médicos alienistas e sujeição dos agentes de enfermagem ao poder médico (CUNHA, 1986).

Desde os primórdios da organização das instituições e da assistência psiquiátrica no Brasil, coube à enfermagem a realização do cuidado junto aos doentes mentais e a aplicação dos procedimentos disciplinares que possibilitavam os procedimentos preconizados pela medicina, assim como a manutenção da ordem no interior do espaço asilar. Esta estruturação, proposta pelo alienismo francês desde o final do século XVIII, foi incorporada pela psiquiatria brasileira a partir da segunda metade do século XIX e criou condições para que os hospícios se transformassem efetivamente em instrumentos de cura ou como afirmava Pacheco e Silva (1937) um local de produção de um saber sobre a loucura e os meios de curá-la.

Em 1930 Pacheco e Silva publicou o que chamou de livrinho, composto por 138 páginas intitulado “Cuidados aos Psychopathas”. A publicação, considerada um manual, foi produzido e impresso nas Oficinas Graphics do Hospital do Juquery e segundo seu autor tratava-se da primeira publicação em língua portuguesa destinada à enfermagem psiquiátrica. A análise do documento permite considerar que o autor destacava a importância da obra, bem como seu destinatário, os enfermeiros, afirmando que “[...] em nenhum a sua acção se faz mais necessária e imprescindível, qual nos hospitais destinados aos psychopathas.” (PACHECO e SILVA, 1930, p. preambulo). Os argumentos usados pelo médico sugerem uma crítica ao *status* conferido à enfermagem psiquiátrica no Brasil, excluída da formação profissional considerada por excelência e padrão. No documento, o autor permite considerar a importância da enfermagem em relação à nova ótica de tratamento, a qual propunha para o Hospital Psiquiátrico do Juquery como afirmava:

Com essa nova orientação, o papel do enfermeiro – **homem ou mulher** – cresceu de importância. Em contacto permanente com os doentes, cabe-lhe também pôr em prática os preciosos recursos da **therapeutica moral**, confortando-os, inspirando-lhes confiança no restabelecimento e cercando-os do maior carinho (PACHECO e SILVA, 1930, p. 3, **grifo nosso**).

A “therapeutica moral” é referente à prática médica corrente, que consistia na base do tratamento aplicado em hospitais psiquiátricos e que teve forte influência da psiquiatria europeia, sobretudo, francesa. Outro aspecto de destaque é que o autor descaracteriza a condição de gênero imposta pelo padrão de formação profissional da enfermagem brasileira, fundada na feminização da profissão, e identifica outras identidades, consideradas na pluralidade dos papéis sociais e de gênero em Enfermagem, representado por Pacheco e Silva como também masculino.

Todavia, no capítulo I, intitulado “Considerações geraes sobre alienação mental. Papel do enfermeiro no tratamento das doenças mentaes”, o autor discorre sobre o papel do enfermeiro no tratamento das doenças mentais como subserviente ao médico, que determina os movimentos e as ações do enfermeiro como evidencia a documentação:

[...] compete ainda ao enfermeiro fazer com que os doentes sigam as prescrições medicas, velando também para que não pratiquem desatinos [...] Convem lembrar, todavia, que, comquanto conhecedor dos seus mistéres, não deve nunca o enfermeiro exhorbitar das suas funções. Todos os seus actos devem ser pautados pela orientação medica e, sob pretexto algum, deverá elle afastar-se das recommendações recebidas (PACHECO e SILVA, 1930, p. 3-4).

A Medicina representa um capital social e simbólico reconhecido pela sociedade e intimamente ligado ao domínio do conhecimento científico, fundado no diagnóstico, na terapêutica e cura. A enfermagem, por sua vez, é uma profissão que tem o cuidado como eixo norteador de seu conhecimento e de sua prática e estão fundamentadas na prevenção, promoção à saúde, tratamento e reabilitação. O saber da enfermagem, desde sua origem enquanto ciência é qualificada como distinto, porém, emblematicamente associado ao saber médico. A análise do manual indica que Pacheco e Silva ressaltava a importância desta nova forma de assistir ao doente, atividade na qual o enfermeiro é fundamental. Entretanto, a definição das ações do enfermeiro psiquiátrico assumia a tarefa da vigilância constante, guarda e controle, inclusive, como distintivo na hierarquia proposta ao afirmar que “Todos os guardas que se tiverem revelado competentes e com prática hospitalar serão titulados ‘enfermeiros’ e todos aquelles que estiverem praticando serão intitulados

‘ajudantes de enfermeiros’” (PACHECO e SILVA, 1930, p. 115). Para além da associação das ações de enfermagem psiquiátrica com práticas de controle exercidas pelos “guardas”, o autor revela a existência de hierarquia, níveis de atuação e responsabilidade que caracterizam o trabalho em equipe.

A Enfermagem, ainda que sem formação profissional formal ou que essa se encontrasse em fase inicial no país, era responsável pela organização do espaço asilar. O trabalho do guarda/enfermeiro era pautado na lógica médica de exclusão/reclusão, mas que também salvaguardava a lógica da medicina vigente no período. Prosseguindo com a análise documental, é possível reconhecer a dimensão social dos potenciais pacientes mentais com especial atenção para os que faziam uso de bebidas alcoólicas:

Esquecido dos seus e de si próprio, arrastando-se de queda em queda, reduzido á miséria, não recusando nem mesmo a estender a mão em busca de meios para satisfazer sua ignóbil paixão; **sórdido, miserável, coberto de andrajos, asqueroso, abjeto, desmoralizado, crapuloso**; tal é, habitualmente, o homem transformado pelo álcool. (PACHECO e SILVA, 1930, p. 16).

[...] levando vida ociosa, em meios corrompidos procuram nos entorpecentes um meio de se furtarem ás realidades da vida, que para eles, **indivíduos fracos ou degenerados**, se torna um pesado fardo. [...] Os homens perdem a noção de probidade e não hesitam em praticar toda sorte de falcatuas, visando conseguir dinheiro para obterem o toxico. **As mulheres chegam a se prostituir** quando não têm recursos para adquirir o toxico. (PACHECO e SILVA, 1930, p. 17-18).

O uso dos adjetivos referenciados aos doentes é sintomático das permanências históricas. Os desviantes sociais compõem a massa excluída e degenerada, prostituída. No caso, a degeneração, em sua aplicação prática, adotou um caráter social e moral: os homens são fracos e as mulheres prostitutas. A relação da sociedade com o doente mental era categorizada dentro do conceito de normalidade e anormalidade e desta forma foram construídas representações acerca do louco e da loucura, o que determinou a associação da ideia de um comportamento desviante e promíscuo, além da necessidade de separação social institucionalizada. As representações da medicina influenciaram a enfermagem o que redimensionou a ação junto ao doente mental.

A vigilância é propriedade essencial do hospício. A função desempenhada pela enfermagem, composta por enfermeiros e ajudantes de enfermagem compõe uma rede de olhares que se estende por todos os espaços do hospital. Machado (1978) avaliou como

se realiza a vigilância no hospício pela noção de *panopticon*⁵; não se tratando mais de uma vigilância central, caracterizada espacialmente, mas afirmando que no hospício trata-se da inspeção, enquanto princípio:

[...] buscar-se-á proceder á rigorosa revista no paciente, para se adquirir a certeza de que ele não traz escondido qualquer objeto com que possa causar damno a si próprio ou a outrem. Um dos meios mais práticos de se proceder á revista consiste em se convidar o paciente para um banho [...]. Enquanto isso, outra pessoa passará em revista, longe das vistas do doente, toda sua roupa, retirando tudo quanto tiver nos bolsos, fazendo disso um relatório completo. [...] Os escriptos do paciente, caderneta de notas, papeis etc., por mais absurdo que pareça o conteúdo das idéas nelles contidas, deverão ser conservados e entregues ao medico, que, muitas vezes, encontra ahi elementos preciosos para a sua observação. (PACHECO e SILVA, 1930, p. 30).

No hospital psiquiátrico moderno quem ocupa a função de inspeção é o enfermeiro, que deve não somente acompanhar os pacientes, mas vigiá-los, contê-los, relacionando o conceito de cuidado, objeto próprio da Enfermagem, com vigilância policial, função destacada desde a admissão no hospital. O médico é a autoridade suprema na hierarquia asilar, na medida em que se legitima na função de tudo ver e tudo saber constitutiva do hospício como entidade terapêutica e de cura. Neste tipo de estabelecimento, a ação esta subordinada ao poder administrativo do médico (MACHADO, 1978). De toda forma, a vontade do paciente não é considerada em nenhum momento, apenas as rotinas e necessidades julgadas como fundamentais. O manual não aborda manejos alternativos de condutas em relação aos pacientes que contrariam a rotina hospitalar, mas menciona aplicação de meios físicos de contenção para que a rotina seja realizada.

Ao longo da descrição dos procedimentos, observa-se a preocupação do médico em relação ao número de enfermeiros e a opção de manobra em casos de agitação como a aplicação de “capacete de gelo” ou ainda quanto à orientação específica para a ingestão de comprimidos:

[...] o enfermeiro deverá dissolver o medicamento em um pouco de água e pedir auxilio de um companheiro, para tapar as narinas do doente, que se verá forçado a abrir a boca para respirar, engolindo assim o liquido com o medicamento. (PACHECO e SILVA, 1930, p. 44).

⁵ Panopticon. Torre de observação localizada no pátio central de uma prisão, manicômio, escola, hospital ou fábrica. Aquele que estivesse sobre esta torre poderia observar todos os presos da cadeia (ou os funcionários, loucos, estudantes, entre outras instituições totalizantes), tendo-os sob seu controle (MACHADO, 1978).

A aplicação dos tratamentos físicos não se limita ao procedimento ou a técnica empregada pela equipe de enfermagem, mas a necessidade, aparentemente constante, do uso da força para se fazer valer a rotina e o saber médico. Nesse sentido, cabe destacar que as terapias abordadas no manual, bem como que em grande parte os procedimentos que com frequência eram executados com alguma dor ou tipo de sofrimento para o doente, por esse motivo, o enfermeiro deve se precaver com algum tipo de contenção como reunindo um número maior de pessoas ou se esquivando de qualquer gesto de agressividade. A relação que se instaura entre enfermeiro-paciente é pautada na violência, dor e agressividades mútuas, passíveis de serem executadas por ambas as partes.

Antônio Carlos Pacheco e Silva deixou registradas as concepções de um psiquiatra plenamente consciente de que vivia em um momento de grandes transformações, tanto no âmbito político quanto científico e social. Por isso, buscava contribuir para a solução dos problemas latentes da sociedade em que estava inserido, apregoando um modelo de sociedade extremamente conservador. Suas concepções moralistas, organicistas e higiênicas marcam sua produção científica, transformando-se em vasto material que serviu de base para a prática da Enfermagem Psiquiátrica no Hospital do Juquery no período de sua gestão, que certamente reverbera até os dias de hoje.

CONCLUSÃO

Transformações econômicas, sociais e políticas ocorridas na sociedade brasileira na passagem do século XIX para o XX foram determinantes para a consolidação da Psiquiatria e Enfermagem no Brasil. O período foi marcado pela importação de conhecimento e tecnologias para a construção, organização e funcionamento dos hospitais psiquiátricos, o tratamento de pacientes, bem como a abordagem dos problemas de saúde de massa, com destaque para a eugenia e a higiene mental.

Os resultados alcançados permitem considerar que a obra de Pacheco e Silva não somente serviu como condutora da prática psiquiátrica desenvolvida no Hospital do Juquery nos anos 30, mas produziu uma relação com o louco que permanece historicamente determinante, inclusive, na equipe de enfermagem psiquiátrica, quando essa existe. A documentação analisada indica que a Psiquiatria ao mesmo tempo em que

ressalta o papel do enfermeiro no espaço asilar avalia a enfermagem psiquiátrica como uma prática que independe de formação profissional, mas caracterizada pela capacidade de conter e viajar pacientes mentais. Ainda que a formação profissional não seja critério para o exercício do cuidado, a enfermagem psiquiátrica apresentada pelo médico ocupou lugar de destaque na realização do cuidado direto aos doentes mentais e a aplicação dos procedimentos disciplinares, assim como a manutenção da ordem no interior do espaço asilar. Os agentes de enfermagem foram fundamentais para a consolidação do modelo assistencial proposto como inovador, entretanto, as práticas exercidas pela enfermagem, principalmente os que não receberam preparo formal, caracterizam uso de força física e cumprimento das ordens médicas como critérios, a revelia da identidade e individualidade do doente mental, que permanece no processo de formação e identidade profissional como representativo das práticas de enfermagem psiquiátrica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

PACHECO e SILVA, Antônio Carlos. Assistência aos Psicopatas – Clínicas – Hospitais – Ambulatórios – Colônias Agrícolas – Assistência Familiar – Higiene Mental. Escola Livre de Sociologia e Política – Serviços Sociais – 10ª aula (mimeo), 8p., 1937.

_____. Cuidados aos Psychopathas. São Paulo. Officinas Graphicas do Hospital do Juquery.1930.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Paulo Fernando de Souza. História social da enfermagem brasileira: afrodescendentes e formação profissional pós-1930. Rev. Enf. Ref. Coimbra, v. ser III, n. 6, mar. 2012. Disponível em http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-02832012000100016&Ing=pt&nrm=iso. <http://dx.doi.org/10.12707/RIII12HM1>. Acesso em: 15 nov. 2013.

_____.; OGUISSO, Taka. Enfermagem no Brasil: formação e identidade profissional pós – 1930. São Caetano do Sul: Yendis, 2013.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. O espelho do mundo – Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

ENGEL, M. G. Os Delírios da Razão. Médicos, Loucos e Hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001.

ESPÍRITO SANTO, T. B. Enfermeiras francesas na capital do Brasil (1890-1895). 2007. 162 f. Tese (Mestrado em Enfermagem). Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

FOUCAULT, Michel. O nascimento do hospital. In: _____. Microfísica do Poder. 3.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982. p. 58-65.

LUZ, M. T. Conjuntura Institucional e Saúde Pública na República Velha: a organização da ordem. In: _____. Medicina e Ordem Política Brasileira. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982. p. 69-97.

MACHADO, R.; LOUREIRO, A.; LUZ, R.; MURICY, K. Aos loucos o hospício. In: _____. Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978. p. 423-485.

OLIVEIRA, W. V. Um Pinel à brasileira: Franco da Rocha e a reorganização da assistência a alienados na cidade de São Paulo. Revista Cantareira. Rio de Janeiro. Jul-Dez. 2011. Disponível em: <http://revistacantareira.files.wordpress.com/2012/01/um-pinel-c3a0-brasileira-franco-da-rocha-e-a-reorganizac3a7c3a3o-da-assistc3aancia-a-alienados1.pdf>

TARELOW, G. Q. Entre febres, comas e convulsões: as terapias biológicas no Hospital do Juquery administrado por Pacheco e Silva (1923-1937). 2012. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-18052012-115937/>>. Acesso em: 2013-08-14.

